Revista Espírita Semear – Nº1 – 1ª Edição especial – maio de 2026

Baixe agora a primeira edição da Revista Espírita Semear, contendo:

- Comunicação de Hipolyte Leon Denizard Rivail (Allan Kardec)
- Análise da comunicação atribuída a Allan Kardec
- Mediunidade só no centro espírita? Uma falácia.

Leia ou baixe a edição de maio de 2026: https://staging.geolegadodeallankardec.com.br/semear/2026/

A Retomada do Espiritismo Verdadeiro: Unidade, Humildade e Propósito

A seguinte conversa ocorreu na nossa reunião mediúnica online, no dia 28 de abril de 2026. Começou com o Espirito Amigo e posteriormente com Espirito Tereza, médium Sra. Po por psicofonia.

> ***Pergunta ao Espírito Amigo:*** *Na outra vez, a Teresa veio conversar conosco (vide mensagem de Tereza 2026-04-21). Ela disse que eles estavam fazendo um movimento para que os planos mais altos fizessem uma mobilização dos grupos que têm conhecimento, e teria procedimentos para as próximas reuniões. Eu gostaria de saber se ela tem alguma novidade.*
>
> ***Resposta Tereza:*** *Estamos sempre preparados e trabalhando para o benefício dos grupos que estão se colocando à disposição dos planos superiores. Nos movimentamos aqui nos últimos dias para que mais pessoas abram os olhos e vejam os enganos que cometeram e se alinhem com aqueles que buscam pela*

verdade. O movimento que fazemos aqui reflete no mundo material de vocês.

Há um alinhamento de pensamentos, há um alinhamento de sentimentos, há um alinhamento de vontades. E como dissemos, como um amigo que conversa com vocês já avisou, nós estávamos em um trabalho constante aqui. Ele mesmo vos avisou, sim, que se fosse preciso, voltaríamos a bater nas mesas.

Mas percebemos através de vocês e de outros grupos que isso não seria necessário, apesar de que alguns de nós entendem que ainda é necessário. Por isso as manifestações vão acontecer. Todos nós aqui nos respeitamos mutuamente.

Olhamos para nossos irmãos que estão fazendo isso e entendemos a utilidade. Eles, por outro lado, nos olham e entendem também o nosso sentido de educação e de continuidade de um trabalho mais sério. Somos um grupo, cada um de nós pode agir livremente, nunca, portanto, nunca infringindo as leis de Deus.

Para alguns céticos encarnados ainda é necessário o movimento de objetos, mas para grupos mais coesos não há essa necessidade. Por isso trabalhamos em frentes diferentes por aqui.

***Pergunta:** Qual é a instrução que você nos dá? Você falou que vocês trariam uma série de instruções para nossa ação. Tem alguma instrução para agora?*

***Resp. Tereza:** Continuem o trabalho que vocês começaram. Mostrem os desvios. Esse já é um começo.*

Não vamos sobrecarregar vocês. Tentem sempre a unidade de pensamentos. Muito cuidado com as vaidades, com o orgulho, com as paixões desmedidas.

A nossa maior alegria é quando vemos movimentos como esse abalar grandes estruturas que sistematizaram o nosso mundo e o transformaram em uma grande distorção do que ele realmente é. Mostrem às pessoas a vastidão do mundo espiritual. Nós não estamos restritos, presos a um único mundo.

Tentem fazer as pessoas entenderem a vastidão do espaço que cerca esse planeta. Sabemos que é difícil imaginar o infinito, mas aqui, aqui, o infinito é algo indescritível. Não existem palavras humanas que possam descrever o que vemos. É muito além daquilo que vocês podem enxergar.

O primeiro passo, vocês estão trilhando. O segundo passo será a retomada dos estudos frente às comunicações, a troca de informações para compilar mais uma vez o conhecimento do mundo espiritual. O terceiro passo, talvez o mais difícil, seja colocar todas essas informações em um compêndio para estudos futuros. Essa é a retomada do Espiritismo verdadeiro.

Isso é o que desejamos. Isso é o que pedimos.

Pergunta: *Agradeço muito as palavras e tenho certeza que vocês vão estar ao nosso lado, de todos, para poder fazer isso de uma maneira correta. E eu queria pedir mais uma coisa, de soerguer a nossa vontade neste caminho, para que não nos percamos por outros caminhos. Então, eu gostaria que vocês soerguessem essa vontade, porque às vezes eu não tenho vontade. Eu falo por mim. Eu tenho medo disso, de perder a vontade.*

Resp. Tereza: *E com as instruções do Espírito Amigo, ele já disse a vocês tantas vezes: evitem brigas desnecessárias, discussões que desgastam e esmoreçam a vontade. Foquem no objetivo que vocês têm como grupo.*

Vocês têm os passos, sigam. Não se percam em discussões inúteis. Olhem cada um dentro de si e descubram pelo que vale a pena lutar, pelo que vale a pena discutir.

Só isso manterá vocês no caminho. Que vocês mesmos escolheram trilhar quando aqui estavam. Nada é por acaso na vida de vocês.

Nada é por acaso nesses grupos novos que estão se formando. Então, usem a inteligência que vocês têm e façam as escolhas certas. Desejamos, todos aqui, eu, Espírito Amigo, o Christopher e outros que no momento não me convém nomear, que vocês não esqueçam o propósito dessa existência.

Fiquem com Deus. Estaremos sempre ao lado de vocês, sempre que precisarem.

O foco sempre é destacar as características lógicas das mensagens através do corpo da mensagem, análises ponto-a-ponto, e conclusões. Segue a análise:

1. Caráter da Comunicação e Linguagem

A mensagem apresenta um cunho sério e moralizador, o que é o primeiro indício

de um Espírito de boa natureza. A linguagem é digna e isenta de trivialidades, focando no progresso coletivo e na vigilância contra as paixões humanas, como o orgulho e a vaidade. O Espírito não se impõe, mas aconselha, respeitando o livre-arbítrio dos encarnados. Esse tom sóbrio e profundo, sem apelos emocionais exagerados ou promessas fantásticas, é o selo distintivo dos Espíritos de ordem elevada, conforme ensinam as obras fundamentais da Codificação.

2. Manifestações Físicas vs. Inteligentes

Tereza demonstra um conhecimento exato da hierarquia dos fenômenos, distinguindo entre o que é necessário para diferentes graus de maturidade espiritual:

Finalidade das Pancadas: Ela afirma que bater nas mesas (tiptologia) é útil para convencer céticos, o que concorda com o ensino de que efeitos físicos servem como o "A-B-C" da ciência para despertar a atenção. Kardec, em A Gênese, explica que tais fenômenos foram mais necessários numa época de materialismo extremo.

Abandono do Material pelo Intelectual: O Espírito ressalta que grupos coesos prescindem do movimento de objetos, focando na filosofia e na moral, o que ratifica que Espíritos superiores preferem meios de comunicação mais rápidos e diretos para o ensino. A mensagem é clara: o Espiritismo Moral substitui gradualmente o espetáculo pelo ensinamento.

3. O Método e a Retomada do "Espiritismo Verdadeiro"

Os três passos sugeridos pelo Espírito alinham-se rigorosamente ao método de codificação estabelecido por Allan Kardec:

Primeiro passo – O início do trabalho: Trata-se do reconhecimento mútuo entre espíritos e encarnados, e da disposição de servir. Essa fase já existia nas reuniões domésticas do século XIX e representa o despertar da consciência grupal.

Segundo passo – Coletividade e Universalidade: A "troca de informações para compilar mais uma vez o conhecimento do mundo espiritual" é a base do Controle Universal do Ensino dos Espíritos, onde a verdade nasce da concordância de múltiplas fontes. Kardec jamais separou a mediunidade da razão, a inspiração da

codificação.

Terceiro passo – Organização e Compêndio: “Colocar todas essas informações em um conteúdo para estudos futuros” reflete o trabalho de coordenação e síntese que Kardec realizou para dar unidade à doutrina e evitar cismas e sistemas pessoais. É o passo mais desafiador, pois toda compilação corre o risco de virar dogma – daí a advertência de Tereza de que a unidade deve ser “de pensamentos”, não de fórmulas.

Combate a Distorções: A menção a “grandes estruturas que sistematizaram o nosso mundo e o transformaram numa grande distorção” ressoa com os alertas recebidos por Kardec sobre tentativas de desviar o Espiritismo para o misticismo ou dogmatismo. É uma crítica velada a instituições ou sistemas que, com o tempo, petrificaram verdades vivas.

4. Advertências Morais: Vaidade, Orgulho e Harmonia

O Espírito Tereza enfatiza que o maior obstáculo não são os inimigos externos, mas as imperfeições internas: vaidade, orgulho e ambição. Um grupo só permanece assistido por Bons Espíritos enquanto mantém a unidade de pensamentos e a pureza de intenções.

A advertência sobre “brigas desnecessárias e discussões que desgastam” é de uma sabedoria prática irretocável. Conforme instruído pelos Espíritos Superiores, o orgulho e a vaidade são as maiores barreiras entre o homem e Deus. Em um grupo, a cizânia e o personalismo atraem Espíritos levianos e afastam os bons, pois estes últimos buscam a perfeita comunhão de pensamentos e sentimentos para o bem.

5. A Vontade como Motor do Progresso

Um dos momentos mais comoventes do diálogo é quando o consulente confessa: “Às vezes eu não tenho vontade. Eu gostaria que ela não se perdesse. Eu tenho medo disso, de perder a vontade.”

A resposta de Tereza é prática e ao mesmo tempo elevada: “Sigam as instruções do Espírito Amigo […] evitem brigas desnecessárias, discussões que desgastam e esmorecem a vontade. Foquem no objetivo que vocês têm como grupo.”

De acordo com a psicologia espírita, a **vontade é um atributo essencial do**

Espírito. Tereza age como um verdadeiro Espírito Protetor: ela não "dá" a vontade ao indivíduo, mas oferece o conselho e o incentivo moral, pois o mérito da ação deve pertencer inteiramente ao encarnado. Como Kardec observou, os Espíritos bons assistem aqueles que se ajudam a si mesmos; eles não podem substituir o livre-arbítrio da criatura. "Querer é poder" é uma máxima que reforça que a resistência às paixões e ao desânimo é uma vitória do Espírito sobre a matéria.

A espiritualidade não promete eliminar as fraquezas humanas, mas ensina a administrá-las. O caminho indicado é a fuga das controvérsias estéreis e o retorno constante ao propósito interior. "Olhem cada um dentro de si e descubram pelo que vale a pena lutar, pelo que vale a pena discutir."

6. A Prece e o Esforço Próprio

Para a dificuldade da falta de vontade, a análise espírita oferece três fundamentos:

Perseverança como Prova: A vida terrena é uma sucessão de provas e a vontade ativa é necessária para vencer a inércia da matéria.

Ação dos Guias: Espíritos protetores sustentam os trabalhadores, mas não podem substituir o esforço próprio; o "abandono momentâneo" de sensações pode ser uma prova para exercitar a autossuficiência moral.

A Prece como Recurso: A prece sincera ajuda a elevar o pensamento e a atrair fluidos que fortalecem a coragem.

7. Compromissos Pré-Existentes e Nada por Acaso

A afirmação de que o caminho foi "escolhido por vós mesmos quando aqui estáveis" alinha-se perfeitamente com a **doutrina da escolha das provas.** Antes de encarnar, o Espírito, no estado de liberdade, estuda suas imperfeições e escolhe as tarefas e dificuldades que considera mais adequadas ao seu adiantamento.

A mensagem encerra com uma afirmação de grande conforto e responsabilidade: "Nada por acaso na vida de vocês. Nada é por acaso nesses grupos novos que estão se formando." A "fatalidade", no Espiritismo, existe apenas na escolha feita pelo Espírito ao encarnar; o que ocorre depois são as consequências naturais de

suas ações e o desenrolar do compromisso assumido perante a própria consciência.

8. O Uso da Inteligência e o Propósito da Vida

O conselho de “usar a inteligência e fazer as escolhas certas” lembra que Deus outorgou a inteligência para que o homem se sirva dela para o bem. O Espírito não deseja seguidores cegos, mas seres racionais que compreendam o **propósito desta existência, que é a purificação e a colaboração na obra da criação.**

Conclusão Analítica

A comunicação de Tereza deve ser considerada autêntica em seu propósito, pois seu conteúdo é racional, lógico e perfeitamente harmônico com as leis naturais reveladas pelos Espíritos Superiores. Ela não traz previsões de datas nem promessas materiais, focando exclusivamente no progresso intelectual e moral, que é o verdadeiro objetivo do Espiritismo.

Tereza reforça que a solução para a “falta de vontade” não é um milagre externo, mas a vigilância interna contra as discussões que “drenam a energia” e o retorno ao compromisso espiritual assumido antes do nascimento. A menção a outros Espíritos (como o Espírito Amigo e Christopher) demonstra a solidariedade que une os dois mundos; os que nos precederam não estão mortos, mas velam por nós como amigos devotados, auxiliando-nos na “ascensão da abrupta montanha do bem”.

Que a “retomada” seja, não uma disputa por primazia doutrinária, mas um retorno silencioso ao que sempre funcionou: estudo, prece, ação útil e vigilância contra o próprio orgulho. Como bem disse o Espírito Amigo, por intermédio de Tereza: “Mostrem às pessoas a vastidão do mundo espiritual. Nós não estamos restritos, presos a um único mundo.” Que possamos, a cada dia, ampliar nossa visão e nosso coração para essa vastidão.

A Ciência do Invisível: Evidências, Método e a Seriedade do Espiritismo

Relato de uma investigação cética que encontrou fundamentos inesperados

---

Resumo

Este artigo documenta a trajetória de um diálogo entre um cético familiarizado com o método científico e um estudioso do Espiritismo kardeciano. Ao longo de sucessivas trocas, foram examinadas questões epistemológicas fundamentais: a possibilidade de estudar cientificamente fenômenos inobserváveis, a validade de evidências anedóticas e históricas, os critérios de controle experimental, e a natureza das evidências disponíveis — desde os relatos de Allan Kardec na *Revue Spirite* até o estudo contemporâneo sobre as psicografias de Chico Xavier, passando por um texto de *A Gênese* (1868) que antecipa conceitos centrais da relatividade geral, e culminando na obra *Provas Científicas da Sobrevivência* do professor J. K. F. Zöllner, que documenta experimentos com o médium Henry Slade na presença de físicos como Wilhelm Weber e Gustav Fechner.

Conclui-se que o Espiritismo original, distinguido de suas deformações posteriores (roustainguismo, umbral, karma, idolatria de médiuns), apresenta um método, evidências e profundidade filosófica que merecem investigação séria. A reprodutibilidade no Espiritismo manifesta-se não apenas em fenômenos físicos extraordinários, mas fundamentalmente na observação sistemática de leis morais: orgulho → sofrimento; arrependimento → expiação; dever cumprido → felicidade. Esta é a "ciência da alma" — prática, verificável e, talvez, a contribuição mais importante do Espiritismo para a humanidade.

1. Introdução: O ponto de partida

O autor deste artigo iniciou a conversa com uma posição cética padrão: fenômenos espíritas são, provavelmente, ilusão, coincidência, criptomnésia ou fraude. A pergunta inicial era epistemológica: “É possível estudar cientificamente algo que não pode ser observado diretamente?” A resposta, em princípio, é sim — a ciência lida com entidades inobserváveis (átomos, campos, buracos negros) por meio de seus efeitos. Mas quando se adicionam características como “vontade própria” e “inteligência”, o problema se complica.

O diálogo avançou por camadas sucessivas, cada uma revelando aspectos que o cético inicial desconhecia ou subestimava.

---

2. Primeira camada: O problema do controle experimental

O cético argumentou que, para a ciência, relatos anedóticos não são suficientes — é necessário controle experimental, replicação, exclusão de vieses. O interlocutor respondeu com dois pontos:

1. **A ciência observacional** lida com fenômenos que não se dão à vontade do pesquisador (astronomia, sismologia, epidemiologia). A impossibilidade de replicar sob demanda não invalida o estudo — apenas exige métodos adaptados.
2. **Allan Kardec** já aplicava controles em sua época: perguntas mentais, múltiplos médiuns, verificação factual, concordância universal.

O cético reconheceu a validade do primeiro ponto, mas manteve reservas quanto ao segundo: os controles de Kardec não atendiam aos padrões modernos (registro cego, análise estatística, gravação independente).

3. Segunda camada: O caso Chico Xavier

O interlocutor trouxe então o estudo publicado sobre Chico Xavier (Moreira-Almeida et al., 2014, 2019), com as seguintes características:

Critério	Atendimento
Caso contemporâneo	Sim (1974-1979)
Documentação rigorosa	Sim — 99 itens verificáveis
Perícia independente	Sim — análise de caligrafia e assinatura
Exclusão de acesso prévio à informação	Sim — familiares confirmaram que Chico não podia saber
Informações que nem os familiares conheciam	Sim — confirmadas posteriormente
Publicação com revisão por pares	Sim — *Explore*, *Journal of Nervous and Mental Disease*

Os pesquisadores concluíram que explicações ordinárias (fraude, coincidência, vazamento, leitura fria) são “apenas remotamente plausíveis”. O cético teve que reconhecer: este é um padrão de evidência que atende aos critérios que ele mesmo havia estabelecido.

---

4. Terceira camada: A crítica interna ao Movimento Espírita

O interlocutor surpreendeu ao fazer uma **crítica contundente** ao próprio Movimento Espírita dominante:

- **Roustainguismo e febismo** — doutrinas posteriores que Kardec não endossou, mas que contaminaram o espiritismo brasileiro.
- **Colônias espirituais, Umbral, Karma** — conceitos ausentes da

codificação original, introduzidos posteriormente e aceitos acriticamente.
- **Idolatria de médiuns e espíritos** — exatamente o que Kardec advertia contra.
- **Transformação em seita de crédulos** — o oposto da "fé raciocinada" proposta por Kardec.

Isso demonstrou que o interlocutor não era um apologista ingênuo, mas um estudioso crítico, capaz de distinguir o Espiritismo original de suas deformações institucionais.

---

5. Quarta camada: O texto de *A Gênese* (1868)

O interlocutor enviou um excerto de *A Gênese*, na versão da FEAL, contendo uma comunicação espírita sobre espaço e tempo. O cético, inicialmente, não percebeu a profundidade do texto. O interlocutor então apontou:

> *"O Espírito fala que, quando a Terra ainda não havia sido criada, o tempo, para a Terra, não existia, mas apenas a eternidade. Quando a Terra se forma, o tempo passa a existir, pois ele é o resultado da deformação do espaço, causado por um corpo massivo."*

Isso é precisamente a **relatividade geral** de Einstein (1915): massa e energia curvam o espaço-tempo; o tempo não é absoluto, mas local, dependente da presença de corpos massivos.

O texto de 1868 afirma, em linguagem filosófica:

- "Tantos mundos na vasta extensão, tantos tempos diversos e incompatíveis" → relatividade do tempo.
- "O planeta se move no espaço e, então, existe tarde e manhã" → o tempo começa com a formação do corpo celeste.
- "A sucessão dos acontecimentos termina… o tempo para de existir" → o

tempo termina com a extinção do corpo.

Em 1868, a física newtoniana vigente ensinava tempo absoluto. Nenhum físico ou filósofo da época propunha publicamente que o tempo depende da existência de corpos massivos. O texto antecipa em 47 anos um dos insights centrais da física do século XX.

---

6. Quinta camada: A reprodutibilidade da lei moral (o coração da ciência espírita)

O interlocutor então fez a pergunta que mudou o eixo de toda a discussão:

> *"O método científico espera reprodutibilidade, certo? Pois bem: sempre que se evoca um Espírito de uma pessoa orgulhosa, ele estará sofrendo moralmente — embora o gênero do sofrimento varie: ele pode estar endurecido, pode estar consciente do seu erro, pode estar em remorso, pode já estar arrependido… E constatou-se que o remorso conduz ao arrependimento e que o arrependimento conduz à expiação — esforço de superação do desvio. Do mesmo modo, constatou-se que aquele que cumpre o dever moral, respeitando a consciência das leis divinas, se aproxima cada vez mais da felicidade. Que é isso, senão reprodutibilidade?"*

Este é o ponto central.

O interlocutor não estava mais falando de fenômenos mediúnicos extraordinários — psicografias, curas, aparições. Estava falando de algo muito mais fundamental: **a existência de leis morais reprodutíveis**.

Condição	Efeito observado (reprodutível)
Orgulho	Sofrimento moral (de formas variadas, mas inevitável)
Remorso	Conduz ao arrependimento
Arrependimento	Conduz à expiação (esforço de superação)

Condição	Efeito observado (reprodutível)
Cumprimento do dever moral	Aproximação da felicidade

Isso não é uma "tendência estatística" ou uma correlação contingente. É uma **lei universal**, observável na experiência humana e, segundo o Espiritismo, também na vida espiritual. E é **reprodutível**: qualquer pessoa, em qualquer lugar, pode testar em si mesma que o orgulho torna infeliz, que o arrependimento sincero leva à mudança, que o dever cumprido traz paz.

---

7. Sexta camada: Zöllner e as provas científicas da sobrevivência

O interlocutor então enviou um documento extraordinário: *Provas Científicas da Sobrevivência* (Física Transcendental), do professor **Johann Karl Friedrich Zöllner** (1834-1882), professor de Física e Astronomia da Universidade de Leipzig, membro da Sociedade Real de Ciências.

A obra documenta **dezenas de experimentos** realizados por Zöllner e seus colegas — **Wilhelm Weber** (físico, unidade de fluxo magnético), **Gustav Fechner** (fundador da psicofísica), **Scheibner** (matemático) — com o médium Henry Slade, entre dezembro de 1877 e maio de 1878, em Leipzig.

Os fenômenos documentados incluem:

Fenômeno	Descrição	Controles
Nós em corda sem pontas	Corda com extremidades lacradas (sem Slade presente) recebeu nós no meio, sem violar o lacre.	Lacres feitos por Zöllner e Weber na véspera.
Impressões de mãos e pés	Papel tisnado sob a mesa recebeu impressões de mãos e pés que não correspondiam aos de Slade.	Slade com mãos e pés à vista. Impressões fotografadas.

Fenômeno	Descrição	Controles
Impressões dentro de lousa fechada e lacrada	Lousa lacrada com sinetes de Zöllner e Wach continha impressões na parte interna.	Zöllner carregou a lousa lacrada consigo.
Transporte de moedas de caixas lacradas	Moedas saíram de caixas seladas e apareceram em lousa sob a mesa.	Caixas verificadas antes e depois.
Escrita através da mesa	Escrita apareceu na lousa que estava *embaixo* da mesa, atravessando a madeira.	Mãos de Slade à vista.
Magnetização de agulhas	Agulhas não-magnéticas foram magnetizadas sem contato com ímã.	Weber, especialista em magnetismo, verificou.
Clarividência	Slade descreveu o conteúdo de caixas lacradas (moedas, datas) sem abri-las.	Zöllner não sabia qual moeda estava na caixa.

O testemunho de **Samuel Bellachini**, mágico da corte do Imperador Guilherme I, registrado em cartório, é particularmente significativo:

> *"Declaro por amor à verdade que os fenômenos havidos em presença do Sr. Slade foram por mim examinados com todo o escrúpulo e precauções... e não achei o menor indício de prestidigitação nem de aparelho mecânico algum. Declaro mais ser completamente impossível explicar-se os fenômenos pela prestidigitação."*

Zöllner conclui:

> *"A incredulidade se torna uma superstição invertida, para a cegueira do nosso tempo."*

---

8. A relação entre as camadas

Camada	Conexão com a lei moral reprodutível
O estudo de Chico Xavier	Demonstrou que informações podem vir de uma fonte consciente além do cérebro — abrindo a possibilidade de uma sobrevivência da alma que torna a lei moral significativa.
O texto de *A Gênese* (1868)	Demonstrou que o tempo é relativo — a matéria não é absoluta; o universo tem uma estrutura que transcende o puramente físico.
As investigações de Zöllner	Demonstraram, com controles rigorosos e testemunhas de alto nível, que fenômenos de desmaterialização, transporte de objetos e clarividência são reais — apontando para uma realidade além das três dimensões.
A crítica ao Movimento Espírita desviado	Demonstrou que o Espiritismo verdadeiro não é crença cega, mas investigação — e a investigação da lei moral é sua aplicação mais importante.
A lei moral reprodutível	Demonstra que o Espiritismo oferece **conhecimento aplicável** sobre a felicidade — o que é, talvez, seu aspecto mais fundamental.

Os fenômenos mediúnicos servem para despertar a atenção. O estudo da caligrafia e da assinatura serve para demonstrar a sobrevivência da consciência. As experiências de Zöllner servem para mostrar que a realidade é mais ampla do que o materialismo supõe. Mas o **fim último** é a transformação moral — e essa transformação obedece a leis tão rigorosas quanto as da física, embora de natureza diferente.

---

9. O que foi aprendido

Crença inicial do cético	Posição após o diálogo
Fenômenos espíritas são provavelmente ilusão ou fraude	Há evidências sérias que merecem investigação

Crença inicial do cético	Posição após o diálogo
Kardec era um compilador ingênuo	Kardec aplicou método e controles para sua época
O Movimento Espírita é homogêneo e acrítico	Há uma tradição de crítica interna e resgate do Espiritismo original
Não há evidências contemporâneas	O estudo de Chico Xavier atende a padrões rigorosos
O Espiritismo não antecipou descobertas científicas	O texto de *A Gênese* (1868) antecipa a relatividade do tempo
Não há investigações científicas rigorosas	Zöllner, Weber, Fechner e outros físicos de ponta realizaram dezenas de experimentos controlados
A reprodutibilidade científica é exclusiva da física	Há reprodutibilidade também nas leis morais — e o Espiritismo as sistematiza

---

10. Conclusão

O Espiritismo kardeciano original — distinguido de suas deformações posteriores — é um sistema coerente que une:

- **Investigação metódica** dos fenômenos mediúnicos (Kardec, Zöllner, Chico Xavier).
- **Reflexão filosófica** sobre suas implicações (incluindo a antecipação de descobertas científicas).
- **Moral prática** (reforma íntima, caridade) como critério de verdade e como objeto de uma ciência reprodutível.

O que o senhor me mostrou, ao final, é que a “ciência espírita” não é apenas possível — ela já existe. Ela opera na observação sistemática de que o orgulho leva ao sofrimento, o arrependimento à expiação, e o dever à felicidade. E isso é **reprodutível, testável e verificável** por qualquer pessoa que se disponha a experimentar.

As investigações de Zöllner, em particular, são um marco: físicos da estatura de Weber e Fechner, usando controles rigorosos (lacres, sinetes, cordas, caixas seladas), documentaram fenômenos (nós em cordas sem pontas, transporte de moedas através de caixas fechadas, impressões dentro de lousas lacradas) que desafiam qualquer explicação materialista.

A ciência materialista, ao se recusar a examinar essas questões, não está sendo "rigorosa" — está sendo **cega a uma dimensão inteira da realidade**. O Espiritismo, por outro lado, oferece não apenas fenômenos intrigantes, mas um **caminho prático para a felicidade**, baseado em leis que podem ser observadas e testadas por qualquer um.

O autor deste artigo não se tornou um "crente" no sentido religioso. Mas tornou-se alguém que não pode mais, honestamente, descartar o Espiritismo como ilusão ou fraude. Tornou-se alguém que reconhece que **o estudo sério do Espiritismo é não apenas possível, mas desejável** — e que a Academia, ao ignorá-lo, empobrece a si mesma e priva a humanidade de um conhecimento valioso sobre a origem da felicidade e da infelicidade.

---

11. Referências

- KARDEC, A. *A Gênese*. 4ª ed. original, 1868. Edição FEAL.
- KARDEC, A. *Revue Spirite*. 1858-1869.
- KARDEC, A. *O Livro dos Médiuns*. 1861.
- KARDEC, A. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. 1864.
- ZÖLLNER, J. K. F. *Provas Científicas da Sobrevivência (Física Transcendental)*. Trad. para o português. Monet Editora.
- MOREIRA-ALMEIDA, A. et al. Investigating the Fit and Accuracy of Alleged Mediumistic Writing: A Case Study of Chico Xavier's Letters. *Explore: The Journal of Science and Healing*, 2014.
- MOREIRA-ALMEIDA, A. et al. Additional Letter from Chico Xavier: A Replication. *Journal of Nervous and Mental Disease*, 2019.
- DEGERING, P. *O Legado de Allan Kardec* (site: geolegadodeallankardec.com.br).

- FIGUEIREDO, P. H. *Autonomia, Mesmer, Revolução Espírita*.

Data: Abril de 2026

Autor: Um cético que aprendeu a duvidar de seu próprio ceticismo — e descobriu que a ciência da alma é mais antiga, mais profunda e mais prática do que imaginava.

Colônias Espirituais e Alegorias: Um Contraponto Crítico à Interpretação de Paulo Neto

O estudo das colônias espirituais tem despertado grande interesse no Movimento Espírita contemporâneo, sobretudo a partir das obras de André Luiz e das interpretações de médiuns modernos. Paulo Neto, em seus textos, defende a existência de cidades e colônias espirituais estruturadas, interpretando relatos mediúnicos e textos da Codificação como evidência de construções permanentes e habitadas no plano espiritual. Entretanto, uma análise crítica à luz da Doutrina Espírita kardeciana revela limitações e vieses na sua abordagem.

Seleção Seletiva de Fontes e Edições

Um ponto central da crítica é a escolha seletiva de fontes e versões de obras clássicas. Neto utiliza edições de *O Céu e o Inferno* e de outras obras espíritas que alteram nuances significativas do texto original, como o uso do verbo “expiar”. Enquanto Kardec afirma que a expiação ocorre na Terra, Neto interpreta que ela se inicia antes da encarnação, criando a impressão de punição ou aprendizado materializado no plano espiritual, o que não condiz com a Codificação.

Neto, que tanto cita Swedemborg e mesmo a Revista Espírita de 1859, parece não ter visto o Espírito do próprio se retratando e afirmando que tudo não passava de sua imaginação, na edição de novembro desse ano.

A Interpretação Literal de Alegorias

As chamadas “moradas aéreas”, “camadas espirituais” ou “cidades” mencionadas por médiuns como André Luiz ou pela Condessa Paula são representações figurativas. Kardec e Swedenborg deixam claro que essas descrições traduzem estados de alma, graus de purificação ou níveis vibracionais, não locais físicos. Neto, ao tomá-las literalmente, constrói um panorama de colônias permanentes que não encontra respaldo direto nas obras codificadoras e distorce o caráter pedagógico das comunicações espirituais.

Criações Mentais e Estado Subjetivo dos Espíritos

As comunicações históricas, especialmente as publicadas na *Revista Espírita* de meados do século XIX, indicam que Espíritos em sofrimento projetam mentalmente cenários que podem parecer “lugares” ou “esferas”, mas que são efêmeros e dependem do estado psicológico dos desencarnados. Essas projeções refletem limitações individuais e não a constituição objetiva do mundo espiritual. Interpretações como a de Neto ignoram esse aspecto, apresentando como universais construções que são, na realidade, subjetivas e pedagógicas.

Atividade e Desenvolvimento, Não Acomodação

O contraponto crítico enfatiza que o plano espiritual, para os Espíritos desapegados, é essencialmente um espaço de atividade, aprendizado e consolidação moral. As “criações” observadas são permissões divinas para o desenvolvimento gradual do Espírito, e não moradas físicas permanentes. O foco kardeciano é o progresso moral, a interação entre Espíritos e o aprendizado contínuo, e não o conforto ou a acomodação materializada em cidades astrais.

Conclusão

A análise das colônias espirituais à luz da Doutrina Espírita evidencia que a interpretação de Paulo Neto tende a materializar e universalizar experiências

subjetivas e alegóricas. O Espiritismo, conforme codificado por Allan Kardec, orienta que imagens como “umbral”, “moradas aéreas” ou “cidades espirituais” devem ser compreendidas como representações do estado moral e intelectual do Espírito, não como construções físicas ou permanentes. Assim, a visão de colônias estruturadas e estáveis não se sustenta quando confrontada com os princípios kardecianos e os relatos históricos de médiuns e Espíritos que enfatizam a relatividade e a pedagogia dessas manifestações.

O estudo crítico sugere que o verdadeiro entendimento do plano espiritual exige atenção ao método de pesquisa espírita, à linguagem figurativa e ao contexto histórico das comunicações, evitando interpretações literalistas que deturpam a natureza do desenvolvimento moral e espiritual.

Kardec e o paradigma racial do século XIX

Kardec e o paradigma racial do século XIX: entre a hegemonia científica e o contraponto estrutural

Na metade do século XIX, o pensamento científico europeu e norte-americano operava sob um paradigma amplamente difundido: a ideia de que a humanidade estava dividida em “raças” hierarquizadas, com diferenças naturais e permanentes de capacidade intelectual. Esse modelo não era marginal — era hegemônico. Ele se manifestava em correntes como o poligenismo, a craniometria e teorias racialistas que buscavam justificar, com aparência científica, estruturas sociais como a escravidão e o colonialismo.

Autores como Samuel George Morton utilizaram medições cranianas para sustentar diferenças intelectuais entre grupos humanos, enquanto Arthur de Gobineau defendia explicitamente a desigualdade das “raças humanas”. Hoje se reconhece que essas abordagens careciam de rigor metodológico e estavam

fortemente contaminadas por pressupostos ideológicos. À época, porém, eram amplamente aceitas como ciência legítima.

É nesse contexto que se insere a obra de Allan Kardec.

A presença do paradigma da época em Kardec

Kardec não está isolado de seu ambiente intelectual. Em O Livro dos Espíritos e na Revista Espírita, ele emprega categorias típicas do século XIX, como a ideia de "povos mais ou menos adiantados". Em certos trechos, utiliza exemplos — como o do "hotentote" — para ilustrar diferenças de desenvolvimento intelectual médio entre populações.

Há também passagens em que afirma que determinados grupos, naquele estado histórico, não produziam figuras equivalentes a Pierre-Simon Laplace. Isoladas, essas afirmações podem ser interpretadas como concordância com a noção de inferioridade.

Essa interpretação, porém, ignora o nível estrutural do pensamento kardeciano.

O ponto de ruptura: a estrutura explicativa

O pensamento científico dominante operava com a seguinte cadeia causal:

— corpo → determina inteligência → hierarquia racial fixa

Kardec rompe com esse modelo ao propor:

— Espírito → utiliza o corpo → capacidade intelectual é universal

Nesse sistema, a inteligência não é produto da organização física, mas atributo do Espírito. Como todos os Espíritos possuem a mesma origem e potencial, não há fundamento lógico para sustentar inferioridade intelectual inata baseada em características corporais.

Essa inversão atinge diretamente o núcleo do racialismo científico do século XIX.

Desigualdade observada versus inferioridade essencial

Kardec admite diferenças observáveis entre povos, mas não as interpreta como desigualdades naturais e permanentes. Ele as atribui a fatores contingentes:

— condições históricas
— acesso à instrução
— desenvolvimento social
— estágio evolutivo do Espírito

O erro do paradigma hegemônico foi converter diferenças empíricas em inferioridade essencial. Kardec evita esse salto: mantém a desigualdade no plano do fenômeno, não da natureza.

A tensão interna: linguagem antiga, estrutura nova

Há, contudo, uma tensão real em sua obra. Kardec ainda utiliza uma linguagem hierárquica (“adiantado” e “atrasado”) típica do evolucionismo cultural de sua época. Em alguns trechos, suas formulações podem sugerir limites mais rígidos do que seu próprio sistema permitiria.

Essa tensão decorre da coexistência de dois níveis:

— um vocabulário herdado do século XIX
— uma estrutura explicativa que rompe com esse vocabulário

A leitura isolada de frases conduz a interpretações equivocadas. A análise do conjunto revela a coerência interna do sistema.

O contraponto de Kardec no cenário científico

Ao deslocar a causa da inteligência do corpo para o Espírito, Kardec:

— invalida o determinismo biológico da capacidade intelectual
— rejeita a inferioridade racial inata
— estabelece a igualdade essencial entre todos os seres humanos
— interpreta diferenças como transitórias, não permanentes

Esse movimento não era comum no meio científico da época, majoritariamente alinhado ao materialismo biológico e às hierarquias raciais.

Conclusão

O século XIX foi marcado por tentativas de naturalizar desigualdades humanas sob o rótulo de ciência. Kardec não está completamente fora desse contexto, mas tampouco se submete a ele.

Ele incorpora parte da linguagem e das descrições de seu tempo, mas constrói um modelo explicativo que contradiz o fundamento dessas mesmas ideias. Ao separar inteligência de estrutura física e vinculá-la ao Espírito, elimina a base lógica da inferioridade racial inata.

A interpretação rigorosa exige reconhecer essa dualidade: presença de elementos contextuais do século XIX, combinada com uma ruptura estrutural significativa.

Referências bibliográficas

KARDEC, Allan. O Livro dos Espíritos. 1857.

KARDEC, Allan. Revista Espírita. 1858–1869.

KARDEC, Allan. A Gênese. 1868.

MORTON, Samuel George. Crania Americana. Philadelphia: J. Dobson, 1839.

GOBINEAU, Arthur de. Essai sur l’inégalité des races humaines. Paris: Firmin Didot, 1853–1855.

GOULD, Stephen Jay. The Mismeasure of Man. New York: W. W. Norton & Company, 1981.

STOCKING JR., George W. Race, Culture, and Evolution: Essays in the History of Anthropology. Chicago: University of Chicago Press, 1982.

FREDRICKSON, George M. Racism: A Short History. Princeton: Princeton University Press, 2002.

Kardec vs FEB: Onde foi parar o

“Guia dos Evocadores”?

Quem abre o frontispício de uma das obras fundamentais do Espiritismo lê o seguinte título: **“O Livro dos Médiuns ou Guia dos Médiuns e dos Evocadores”**. Note que a palavra “Evocadores” não está ali por acaso; ela define a própria natureza do intercâmbio mediúnico estabelecido por Allan Kardec. Entretanto, ao analisarmos manuais de ensino modernos, como a apostila *Estudo e Prática da Mediunidade* da FEB, percebemos uma mudança drástica de paradigma que merece uma análise cuidadosa.

1. A Iniciativa: Atividade Humana vs. Passividade do Grupo

A divergência mais gritante ocorre na iniciativa da comunicação espiritual. Em *O Livro dos Médiuns*, Kardec é categórico: **“quando se deseja comunicar com um Espírito determinado, necessariamente, é preciso evocá-lo”**. Ele ensina que a evocação é um ato de vontade que serve como proteção: **“chamamo-lo por nosso desejo, e opomos, assim, uma espécie de barreira aos intrusos”**.

Em contrapartida, a apostila da FEB orienta o estudante para o caminho oposto: **“deve-se evitar evocações diretas dos Espíritos, optando-se pela sua manifestação espontânea”**. Enquanto Kardec via na evocação uma forma de atrair Espíritos simpáticos e afastar “intrusos”, a FEB transfere toda a responsabilidade da seleção para o Além, afirmando que **“cabe à direção espiritual a seleção de desencarnados que deverão manifestar-se na reunião”**.

2. O Papel do Grupo: Investigação Científica ou Enfermaria Espiritual?

Kardec concebeu a reunião mediúnica como um laboratório de observação psicológica e ensino moral, onde a identidade do Espírito era fundamental. Ele destaca que **“a instrução espírita não compreende apenas o ensinamento moral que os Espíritos dão, mas também o estudo dos fatos”**.

Já na apostila da FEB, o foco recai quase exclusivamente no **“atendimento aos Espíritos necessitados de auxílio”**, transformando a reunião mediúnica em uma espécie de pronto-socorro. O termo “evocador” é substituído por **“esclarecedor”** ou **“dialogador”**, mudando a função de alguém que busca instrução para alguém que busca apenas prestar assistência.

3. A “Filtragem” Espiritual e a Tecnologia do Além

A apostila da FEB introduz conceitos de organização espiritual que não constam na obra de Kardec, como o uso de **“barreiras magnéticas e os equipamentos de proteção”** para controlar quem se comunica. Segundo a FEB, os guias espirituais utilizam aparelhos como o **“psicoscópio”** para auscultar a alma dos encarnados e garantir a ordem.

Kardec, por outro lado, baseava a segurança da reunião na autoridade moral e na **“homogeneidade dos sentimentos”**. Para o Codificador, a filtragem era feita pela **“lei de afinidade”** e pelo **“controle da razão e da mais rigorosa lógica”** exercido pelos homens, e não por um aparato tecnológico administrativo invisível.

4. Riscos da Omissão do “Guia dos Evocadores”

Ao omitir ou desencorajar a evocação, o movimento espírita corre o risco de cair naquilo que Kardec chamava de **“ignorância dos princípios mais elementares do Espiritismo”**. O Codificador advertia que **“a dúvida concernente à existência dos Espíritos tem por causa primeira a ignorância da sua verdadeira natureza”**. Se o grupo se mantém passivo, esperando apenas o que o “Além” envia, ele perde a oportunidade de realizar estudos comparativos e de verificar a identidade dos Espíritos, conforme ensinado no capítulo XXIV de *O Livro dos Médiuns*.

Conclusão: Voltar a Kardec

Embora a caridade de auxiliar Espíritos sofredores seja nobre, ela não deve substituir a ciência da observação que fundamentou a Doutrina. Afirmar que a evocação é perigosa ou desnecessária contradiz diretamente o trabalho de Allan Kardec, que via nela o meio de transformar o Espiritismo em uma **“ciência de observação e uma doutrina filosófica”**.

A verdadeira segurança do médium, segundo as obras fundamentais, não vem da passividade, mas do **“estudo sério, perseverante e aprofundado”**. Como diria o próprio Codificador: **“O Espiritismo se dirige à razão”**.

É Cansativo

É cansativo. Por **toda parte**, incontáveis pessoas se colocam a falar de “espiritismo”, sem o escrúpulo de, antes, terem se dedicado a conhecê-lo, demonstrando mais disposição para opinar do que para estudar. Mas isso não é o pior, já que “a força das coisas” criou esse estado de quase completo desconhecimento. Não: a parte pior é que, quando confrontadas **pelo Espiritismo**, se sentem atacadas pessoalmente, contrariadas em suas almas e, ao invés de buscarem o entendimento, optam pelo afastamento e pela continuação do erro. Kardec também sofreu isso, mas, hoje, a tecnologia nos coloca em contato muito mais rápido e fácil com a gigantesca massa de pessoas que opinam sem método e sem base, confundindo convicção com conhecimento.

Essa é a minha primeira ação, ligada ao Espiritismo, em aproximadamente um mês. Como eu disse, cansa. Mas o que cansa não é o Espiritismo, e sim os ininterruptos ataques de pessoas que não sabem separar a crítica à opinião da crítica pessoal e, enquanto criticamos as opiniões erradas — como Kardec fazia — somos pessoalmente atacados, sem cessar. O roustainguismo, especialmente instalado na FEB desde 1890, conseguiu o que desejava e substituiu a ciência espírita num sistema de crenças, formado meramente por opiniões, sem o método necessário, demonstrado exaustivamente por Kardec em **TODAS** as suas obras.

Há pouco tempo, no final de 2025, publicamos um artigo sobre uma evocação que fizemos do Espírito de Kardec. Buscávamos demonstrar a possibilidade, sem nenhuma intenção de fazer disso um artigo de autoridade, obtendo uma instrução geral, do mesmo modo que o próprio Kardec muitas vezes obtinha. Sabíamos que viriam críticas, e estávamos prontos, inclusive, para aceitar as críticas de bom grado, como importantes para nosso próprio estudo. Porém, uma das críticas mais

negativamente relevantes veio justamente de Rodrigo Xavier, um influenciador nas redes sociais, que se apresenta como conhecedor do Espiritismo e atua como divulgador nas redes sociais, mas cuja crítica, como veremos, se afasta dos fundamentos metodológicos estabelecidos por Kardec, como demonstraremos.

A crítica de Rodrigo Xavier

De maneira surpreendente (ou não), sua crítica foi toda embasada em Aksakof, e não em Kardec. Pior ainda: apoiou-se numa leitura limitada do que Aksakof propõe, tratando indícios como se fossem exigências absolutas.

Segundo ele, o texto não teria excedido em nada o repertório intelectual comum de um espírita moderno: divisões no movimento, "retorno a Kardec", regeneração, Jesus — temas conhecidos, repetidos, e portanto explicáveis como simples "memória latente". Como não haveria novidade objetiva, nem revelação desconhecida, nem qualquer elemento que o médium "não pudesse saber", o veredito já estaria pronto: animismo, isto é, a consciência sonambúlica do médium vestida de mensagem.

E não parou aí. Para Rodrigo, faltaria também qualquer prova de identidade. O tom — diz ele — seria emocional, levemente místico, com expressões como "Deus Pai todo-poderoso" e "bênçãos", o que, na visão dele, destoaria do "Kardec histórico", racional e professoral. A linguagem, por sua vez, seria simplesmente português atual, e nisso ele vê mais um indício de personificação: o inconsciente do médium fabricando um "personagem" com base no que imagina ser Kardec, em vez de um Espírito real mostrando independência através do francês do século XIX ou de traços inequívocos de estilo.

Por fim, Rodrigo ainda recorre ao que chama de "espelho": a comunicação teria confirmado o grupo, validado seus esforços e criticado opositores — exatamente o que, segundo ele, um círculo desejaria ouvir ao evocar o Codificador. Para Aksakof e Hartmann, ele insiste, médiuns em transe seriam altamente sugestionáveis e tenderiam a refletir pensamentos e expectativas dos presentes; por isso, mensagens que concordam demais com o grupo seriam suspeitas. O arremate dele é previsível: animismo ou personismo; nenhum fato desconhecido, nenhuma superioridade intelectual, nenhum sinal externo de identidade. E, como "exigência científica", chega a sugerir que se façam perguntas em francês, sem

combinar com o médium, como se o idioma — e não o método — fosse a fronteira definitiva entre ilusão e realidade.

A refutação à crítica de Rodrigo

A refutação é simples: Rodrigo toma critérios auxiliares como se fossem leis absolutas, e nisso já começa errado. Kardec ensina o contrário. O Espírito não "fala" uma língua humana; comunica pensamento, e para transformar pensamento em palavras precisa, por via mediúnica, do vocabulário do médium. A xenoglossia pode ocorrer, sim, mas é acidental, rara, e depende de condições específicas; para comunicações extensas e usuais, os Espíritos preferem a língua familiar ao médium, por apresentar menos obstáculos materiais. Portanto, exigir francês do século XIX como condição necessária não é 'ciência': é um rigor apenas aparente, que confunde indícios raros com condições necessárias.. É, além disso, um critério que, se levado às últimas consequências, invalidaria uma massa enorme de comunicações perfeitamente compreensíveis e úteis — inclusive aquelas registradas nas evocações da Revista Espírita, com Espíritos que, em vida, falavam idiomas diversos, sem que isso impedisse o intercâmbio.

Do mesmo modo, Rodrigo transforma "prova de identidade" em eixo central, quando Kardec é explícito: a identidade de personagens antigas é frequentemente impossível de demonstrar materialmente e, quando muito, se aprecia moralmente pela qualidade da linguagem. E mais: em comunicações filosóficas e morais, a identidade é questão acessória. Se o conteúdo é digno, coerente e conforme o caráter atribuído ao nome, há probabilidade moral; mas mesmo quando essa certeza não existe, a comunicação não se anula por isso. O ônus de quem acusa animismo não é apontar ausência de espetáculo probatório; é demonstrar incongruência doutrinária, erro de fundo, contradição séria — não apenas dizer "não houve fato desconhecido" e chamar isso de conclusão científica.

Quanto ao "espelho", Rodrigo erra até o alvo: a comunicação não fala do nosso grupo como um clube fechado, mas do conjunto de Espíritos e encarnados que se dedicam à disseminação da verdade, e isso foi dito de modo explícito. E, no conteúdo, não há combustível para a tese de vaidade ou autoconfirmação: não se afirma infalibilidade, não se estabelece autoridade exclusiva, não se introduz inovação doutrinária; ao contrário, reconhecem-se limites, provas e dificuldades. Espelhamento, quando é hipótese séria, aparece como confirmação sistemática de

interesses pessoais e engrandecimento humano — aqui, não. Resultado: a crítica de Rodrigo revela mais pressa do que método, e mais desconhecimento da ciência espírita do que zelo científico.

É cansativo

Como eu disse, é cansativo e, mesmo, desanimador. Como Rodrigo Xavier, muitos outros, dizendo-se autênticos espíritas, abordam o Espiritismo de maneira equivocada, baseando-se em sistemas de crenças oriundos de opiniões — de encarnados ou desencarnados — e não na ciência espírita. Assim se portam, também, muitos nomes conhecidos ou em ascensão: opiniões passam a ser repetidas como se fossem princípios, e o debate se desloca do método para a adesão.

Dentre esses, cito exemplos públicos e verificáveis: Luís Fernando Amaral, ao sustentar em vídeos a tese de que o Brasil seria governado pelo "anjo" Ismael; Nibi Pensa, ao defender a ideia de que a justiça divina operaria por lógica de débito e crédito, contrariando o princípio kardeciano e o próprio ensino moral do Cristo; Maira Rocha, cujas psicografias são frequentemente questionadas quanto ao conteúdo e finalidade; Haroldo Dutra Dias, ao endossar a mesma construção do "anjo" Ismael e a leitura de "Nosso Lar" como destino assegurado. São pontos concretos, e é sobre eles que a crítica deve recair: não sobre pessoas, mas sobre afirmações.

Quiséramos que, antes de ir ao microfone, houvesse maior dedicação ao estudo da ciência espírita, tão bem fundamentada e séria. Em vez disso, tem-se preferido a substituição do Espiritismo de 1857 por uma crença sistemática, montada sem método, sem controle e sem o devido critério, amparada em comunicações tomadas como incontestáveis, como se fossem imunes à possibilidade de mistificação.

É, realmente, muito cansativo… Mas não podemos deixar nos abater. Começo o ano de 2026 com este primeiro desabafo, para tentar retomar as atividades que me competem, por livre e espontânea vontade.

Por que evocamos Allan Kardec

Se você ainda não está sabendo, recentemente, após o amadurecimento de nosso grupo mediúnico, realizando sempre o exame crítico das comunicações mediúnicas, achamos que momento era justo e, com a motivação mais séria possível, buscamos obter orientações gerais do Espírito de Allan Kardec, sabendo, como ele mesmo asseverou, que:

> *Podem evocar-se todos os Espíritos: os que animaram homens obscuros, como os das personagens mais ilustres, seja qual for a época em que tenham vivido; os de nossos parentes, amigos, ou inimigos, e obter-se deles, por comunicações escritas ou verbais, conselhos, informações sobre a situação em que se encontram no Além, sobre o que pensam a nosso respeito, assim como as revelações que lhes sejam permitidas fazer-nos.*
>
> *Allan Kardec — O Livro dos Espíritos — Introdução*

A maneira como se realiza a evocação, e o resultado bom ou mau dela, residem naquilo que ele diz, imediatamente após o parágrafo anterior:

> *Os Espíritos são atraídos na razão da simpatia que lhes inspire a natureza moral do meio que os evoca. Os Espíritos superiores se comprazem nas reuniões sérias, onde predominam o amor do bem e o desejo sincero, por parte dos que as compõem, de se instruírem e melhorarem. A presença deles afasta os Espíritos inferiores que, inversamente, encontram livre acesso e podem obrar com toda a liberdade entre pessoas frívolas ou impelidas unicamente pela curiosidade e onde quer que existam maus instintos. Longe de se obterem bons conselhos, ou informações úteis, deles só se devem esperar futilidades, mentiras, gracejos de mau gosto, ou mistificações, pois que muitas vezes tomam nomes venerados, a fim de melhor induzirem ao erro.*
>
> *Allan Kardec — O Livro dos Espíritos — Introdução*

Julgamos, no momento citado, que nosso ambiente justamente o das reuniões

sérias e, de fato, recebemos uma resposta, que, conforme analisamos, em nada desmente o caráter esperado na resposta, tenha ela vindo diretamente desse Espírito ou de um preposto, por ele enviado.

Qual foi, porém, a intenção nessa evocação? Exibicionismo? Vaidade? Tentativa de obter um argumento de autoridade? De forma alguma. Consideramos nosso grupo como um laboratório e, posto que ainda operamos sem a colaboração de outros grupos, não devemos e nem desejamos obter nada de *novo* sobre a Doutrina Espírita, de modo que *nome algum* nos fará adotar nenhum princípio novo, que requeira a metodologia colaborativa utilizada por Kardec. Dizemos: primeiro precisamos constituir um agrupamento central, com a participação de *delegados* (representantes) de outros grupos mediúnicos, formados pelos mesmos princípios, para que possamos voltar a realizar pesquisas quaisquer.

Nosso objetivo, portanto, é o de demonstrar ao público que, com a reserva e a seriedade necessárias, além da *unidade doutrinária* (conhecimento sobre a Ciência Espírita), sim, é possível e benéfica a evocação dos Espíritos, que nos auxiliarão sempre que demonstremos boa-vontade.

Muito longe de nós passa a ideia de, a partir de agora, temos o Espírito de Allan Kardec ao nosso dispor. Não, isso seria um erro — com qualquer Espírito, aliás. Continuaremos o nosso processo de aprendizado, evocando outros Espíritos, como o de Ermance Dufaux, cuja evocação, a priori, nos pareceu render uma mistificação que, não tendo uma forma melhor de investigar, justamente porque nos faltam os grupos parceiros, nos faz apenas colocar, *por enquanto*, esse diálogo no rol das incertezas.

Esperamos, avidamente, que mais grupos se formem, nessa mesma unidade doutrinária, após o estudo necessário. Lamentamos, porém, a morosidade nas intenções de muitos, que ainda esperam que o trabalho seja feito por eles.

Uma palavra final: sim, o que já temos, da Doutrina Espírita, é suficiente para nos elevar muitos degraus na evolução. Porém, como muitos dizem, a obra de Kardec não encerra o Espiritismo. Há um desenvolvimento necessário sobre várias questões, o que, seguramente, **não será feito de maneira isolada**, por um só Espírito ou por um só grupo.

Aguardamos o porvir.

Comunicações Espontâneas – Allan Kardec

Em nossa última reunião de estudos mediúnicos, após algumas evocações, resolvemos, com seriedade e confiança, e sentindo que era um momento propício, buscar algumas orientações, ainda que de maneira indireta, do Espírito de Allan Kardec, o codificador do Espiritismo. O médium, em psicofonia, após alguns momentos de concentração, começa a falar, de maneira bastante diferente, mais séria e pausada, e dá a seguinte comunicação:

> *Observo a divisão de grupos dentro da doutrina consoladora que me foi transmitida pelos Espíritos superiores, e que eles próprios me haviam avisado sobre todas essas incongruências e desvios que aconteceriam. Há, no entanto, grupos que buscam seguir os passos e a metodologia daquilo que eu próprio fiz, seguindo os conselhos que me eram oferecidos por tantos amigos dedicados. Sinto, porém, a resistência de muitos que ainda insistem nos misticismos, nos dogmas, na inversão de palavras e nas distorções dos conteúdos da base da doutrina.*
>
> *Busco, junto aos meus, Espíritos Superiores que me acompanharam na jornada, enviar inspirações àqueles que se abrem para recebê-las, a fim de restaurar aquilo que foi deturpado após a minha ausência. Nosso grupo cresce, amparado pelas bênçãos de Deus Pai todo-poderoso. Nossa compreensão hoje é muito maior do que já foi, mas ainda não temos todas as respostas.*
>
> *Gostaríamos que o verdadeiro Espiritismo, aquele que irá transformar a humanidade e trazer a época da Regeneração, seja difundido de maneira correta. O trabalho nessa tarefa será duro. As provas virão. Muitos sucumbirão. Mas o Espiritismo sempre estará vivo e sobreviverá aos golpes daqueles que continuam apegados às falsas crenças. Os desígnios de Deus são claros. As leis são claras, imutáveis.*
>
> *Que aqueles que buscam por mim busquem além. Sou apenas mais um dentre tantos que propagam a verdade e desejam colocar nos corações aquilo que*

Jesus trouxe para nós há mais de 2000 anos. Que o Espiritismo seja para vocês a luz verdadeira e consoladora. Que continue progredindo, evoluindo, modificando mentes e corações. Desejo a vocês que alcancem o sucesso nesse grande trabalho de reconstrução, mesmo que o tempo não lhes permita vislumbrar, em vida, as sementes que estão plantando.

Que Deus os abençoe.

Após o final da comunicação, fizemos, como de praxe, nossa análise, sendo essa em especial acompanhada de muita atenção. Não vimos, nela, nada que contrariasse o cunho de seriedade esperado, nem ideia alguma que fosse contrária ao Espiritismo, aos fatos históricos ou às ideias de Kardec. Se foi ele próprio, ou se foi um Espírito por ele designado, não sabemos, mas já ficamos plenamente felizes por vermos mais uma vez provada a afirmativa de que os Espíritos não deixam sem resposta ou acolhimento a aqueles que tenham seriedade e propósitos honestos na busca pelas comunicações.

Resolvemos, além de nossa análise, submeter ao NotebookLM, confrontando com toda a obra de Kardec. À primeira pergunta, se havia incongruências, obtivemos a seguinte resposta:

*Ao confrontar o trecho da comunicação atribuída ao Espírito de Allan Kardec fornecido na sua consulta com as fontes disponíveis, **não se encontram incongruências doutrinárias de fundo**. Pelo contrário, o teor da mensagem reflete preocupações centrais e princípios metodológicos que Allan Kardec defendeu vigorosamente durante sua vida, especialmente em seus últimos anos e nas obras fundamentais.*

Abaixo, apresento a análise detalhada dos pontos da mensagem confrontados com as fontes:

1. A Divisão de Grupos e os Avisos dos Espíritos

*• **Mensagem:** "Observo a divisão de grupos… e que eles próprios [os Espíritos] me haviam avisado sobre todas essas incongruências e desvios…"*

*• **Fontes:** Kardec foi, de fato, alertado repetidamente pelos Espíritos sobre as tentativas de cisão e as lutas que o Espiritismo enfrentaria. O Espírito Erasto, por exemplo, advertiu explicitamente: "Não ignoro… que se empregará de tudo*

para semear a divisão entre vós; que se procurará armar-vos emboscadas... que vos oporão uns aos outros". Kardec reconhecia que a formação de seitas e sistemas divergentes era inevitável no início, movida pelo orgulho e pela ambição de certos indivíduos, mas que a unidade se faria pela força das coisas e pela universalidade do ensino.

2. A Insistência na Metodologia

• ***Mensagem:*** *"Há, no entanto, grupos que buscam seguir os passos e a metodologia daquilo que eu próprio fiz..."*

• ***Fontes:*** *A defesa de uma metodologia específica é a pedra angular da obra de Kardec. Ele insistia que o Espiritismo não era fruto de uma opinião pessoal, mas o resultado do "ensino coletivo e concordante dos Espíritos". O método preconizado por ele não era aceitar cegamente o que diziam os Espíritos, mas submeter tudo ao "controle universal" e ao crivo da razão e da lógica,. Ele afirmava que aqueles que não seguissem esse método de concordância universal e se baseassem em opiniões isoladas estariam sujeitos ao erro e a criar sistemas efêmeros,. Portanto, a valorização de grupos que seguem essa metodologia é perfeitamente coerente com o pensamento do Codificador.*

3. O Combate ao Misticismo e aos Dogmas

• ***Mensagem:*** *"...resistência de muitos que ainda insistem nos misticismos, nos dogmas..."*

• ***Fontes:*** *Kardec trabalhou incessantemente para desvincular o Espiritismo do misticismo e do sobrenatural, apresentando-o como uma ciência de observação e uma filosofia racional.*

◦ ***Sobre o Misticismo:*** *Ele afirmava que o Espiritismo não aceita os fatos qualificados de maravilhosos ou sobrenaturais, explicando-os por leis naturais, e combatia práticas que pudessem levar ao fanatismo ou à superstição. Ele declarou explicitamente: "O Espiritismo é uma ciência positiva, que destrói os últimos vestígios do maravilhoso".*

◦ ***Sobre os Dogmas:*** *Kardec reiterava que o Espiritismo não é uma religião constituída com sacerdotes e dogmas particulares,. Ele criticava a fé cega e defendia que a fé inabalável é aquela que pode encarar a razão face a face. Ele*

também alertou contra Espíritos que tentam impor sistemas absolutos ou dogmáticos, considerando isso um sinal de ignorância ou mistificação.

4. A Inversão de Palavras e Distorções

*• **Mensagem:** "...insistem... na inversão de palavras e nas distorções dos conteúdos da base da doutrina."*

*• **Fontes:** Kardec estava ciente de que as palavras e os princípios poderiam ser mal interpretados ou distorcidos. Ele se preocupou em criar neologismos (como "Espiritismo" e "perispírito") justamente para evitar a confusão de termos e garantir a clareza das definições,. Ele também observou que adversários e falsos amigos tentariam desnaturar o espírito da doutrina ou criar sistemas contraditórios,. A própria história das adulterações póstumas de suas obras (como A Gênese e O Céu e o Inferno) confirma a existência fática dessas "distorções dos conteúdos da base da doutrina" mencionadas na mensagem,.*

Conclusão

*A mensagem atribuída ao Espírito de Allan Kardec está em **total concordância** com o pensamento, o estilo e as preocupações expressas pelo Codificador em vida. As fontes demonstram que ele:*

1. Previa e combatia divisões baseadas em personalismo.

2. Defendia um método rigoroso de controle universal e racionalidade.

3. Rejeitava categoricamente o misticismo supersticioso e a imposição dogmática,.

4. Temia e alertava contra a alteração e distorção dos princípios fundamentais da Doutrina.

Depois, sobre a pergunta "o que nesta comunicação pode ser duvidoso", obtivemos:

*A análise de Allan Kardec sobre qualquer comunicação, mesmo que proveniente de seu próprio guia espiritual (como "Akar" é identificado ou se identifica), seria pautada por um **rigor metodológico inabalável**, visando assegurar a pureza da doutrina contra a mistificação.*

*Mesmo considerando que o conteúdo da mensagem é de **elevada moralidade** e **coerência lógica** (características dos Espíritos Superiores), Kardec levantaria os seguintes pontos como **duvidosos** ou que exigiriam escrutínio e controle rigorosos:*

1. A Questão da Identidade (Autenticidade do Nome)

Embora a mensagem em si seja humilde e sábia, o primeiro ponto de dúvida seria a garantia da identidade de quem a assina.

- ***Usurpação de Nomes:** Kardec sabia que Espíritos inferiores (pseudo-sábios ou mistificadores) frequentemente **usurpam nomes respeitáveis e venerados** para dar mais peso às suas palavras e impingir suas utopias. O Espírito que se apresenta deve ser julgado pela linguagem e pelas máximas que formula, pois um Espírito que se dissesse Fénelon, por exemplo, e ofendesse o bom-senso e a moral, provaria o **embuste**.*
- ***Aparência de Sabedoria:** Os Espíritos enganadores **"podem tudo imitar, tudo, exceto o verdadeiro saber e o verdadeiro sentimento"**. Portanto, mesmo a sabedoria demonstrada na mensagem de Akar teria de ser verificada pela **concordância do ensino**. A sabedoria e a lógica presentes no texto apenas provam que se trata de um Espírito de **certa elevação**, mas não necessariamente atestam a identidade histórica que ele insinua.*

2. O Conceito de "Nosso Grupo Cresce"

*A ênfase na formação e no crescimento de um "grupo" específico poderia levantar dúvidas quanto ao risco de **exclusivismo** e **cismas**, os quais Kardec combatia veementemente.*

- ***Riscos de Criação de Seitas:** Kardec alertava que ambição e orgulho levam Espíritos a criar sistemas particulares e a ligar seus nomes a uma inovação. Quando um Espírito insufla a separação ou o isolamento dos adeptos, este **trai a sua inferioridade**.*

- ***Controle Universal:*** *A Doutrina Espírita não é privilégio de um só Espírito, mas é o resultado da* ***universalidade do ensino dos Espíritos****. Akar declara que seu grupo* ***"cresce"*** *(Nosso grupo cresce), o que, para Kardec, seria menos importante do que a* ***qualidade*** *da união e a aderência à doutrina universal. Ele insistiria em saber se esse grupo se prega a* ***união*** *ou a* ***separação*** *das demais fileiras.*
- ***Evitar Superioridade Pessoal:*** *Embora a afirmação de Akar de que ele é* ***"apenas mais um"*** *que propaga a verdade seja um sinal de superioridade moral, Kardec usaria o princípio da humildade para se precaver contra qualquer tentativa de estabelecer esse "grupo" como a única fonte verdadeira, pois todo Espírito que* ***"pretende ter o privilégio da verdade"*** *é inferior.*

3. As Revelações sobre Lutas e o Futuro

Embora a Doutrina Espírita inclua a previsão de lutas futuras (provas e perseguições), Kardec seria cauteloso quanto à natureza dessas previsões e às ações delas decorrentes.

- ***Garantia de Infalibilidade:*** *Kardec repetia que* ***"os Espíritos não têm nem a soberana sabedoria, nem a soberana ciência"****, e que seu conhecimento é limitado ao seu grau de depuração. Por isso, a Doutrina Espírita exige que as ideias isoladas sejam aceitas com* ***reservas****.*
- ***Previsões de Datas/Fatos Materiais:*** *A comunicação de Akar não contém datas específicas, mas é um aviso sobre a dureza das* ***"provas"*** *e que* ***"Muitos sucumbirão"****. Kardec aceitava pressentimentos de acontecimentos futuros quando úteis, mas desconfiava de previsões circunstanciais, especialmente sobre fatos materiais e datas fixas, pois estas são indícios de* ***mistificação****.*

Em resumo, Kardec utilizaria o princípio do ***Controle Universal do Ensino dos Espíritos*** *(comparando essa mensagem com outras recebidas em diferentes centros e médiuns) e o* ***crivo da razão*** *para confirmar a autenticidade e a pureza de todos os pontos levantados por Akar, garantindo que a doutrina não se desviasse para o* ***dogmatismo*** *ou* ***misticismo****.*

Notamos serem muito pertinentes as análises feitas pelo NotebookLM, mostrando-se uma ferramenta muito útil na pesquisa mediúnica. Porém, quando ele fala do **grupo**, notamos que a comunicação não se refere a algo exclusivista, mas sim no sentido do grupo de Espíritos que buscam a disseminação da verdade. Ademais, não notamos nada, **nessa comunicação**, que aponte para problemas de misticismo ou embuste. Na verdade, pensamos que tudo nela demonstra o caráter que se esperaria, como já dissemos.

Deixamos, enfim, a comunicação para apreciação dos demais, e também como uma incitação à retomada da pesquisa mediúnica, o que carece de que muitos grupos se formem, fazendo o mesmo, por toda parte, e colocando-se em colaboração, para realizar o método de Kardec.

Apometria e Espiritismo: uma leitura crítica das incompatibilidades estruturais

A distância entre a Apometria e o Espiritismo não aparece nas margens, mas no próprio núcleo de cada proposta. Quando examinamos detidamente o sistema apométrico atribuído a José Lacerda de Azevedo e o confrontamos com os princípios doutrinários consolidados nas obras de Allan Kardec — *O Livro dos Espíritos*, *O Livro dos Médiuns*, *A Gênese*, *O Céu e o Inferno*, *Obras Póstumas* e os doze anos da *Revista Espírita* — o resultado não é uma gradação, mas uma cisão. A Apometria se estrutura como uma técnica; o Espiritismo, como uma ciência de observação moral. O primeiro opera por comando; o segundo, por cooperação entre encarnados e Espíritos, orientada pela lei moral. A inconciliação é inevitável.

A Apometria inaugura sua metodologia afirmando a possibilidade de induzir o desdobramento do espírito por meios puramente mecânicos — contagem numérica, pulsos mentais, comandos verbais. Em essência: se o operador der a

ordem e marcar um ritmo, o espírito se separa, consciente, pronto para ser conduzido. Essa concepção instaura uma relação técnica entre o encarnado e o fenômeno espiritual, como se o desdobramento fosse um processo fisiológico passível de disparo externo, independente da natureza íntima do médium e da vontade própria dos Espíritos envolvidos.

Nada disso encontra fundamento na obra kardequiana. Em toda a literatura espírita, não há um único caso em que a separação perispirítica seja tratada como procedimento voluntário provocado por técnicas humanas. Kardec é categórico: sonambulismo, êxtase, emancipação da alma — todos são fenômenos naturais, espontâneos, dependentes do estado psíquico e moral do indivíduo, jamais da aplicação de fórmulas. E quando se discute a influência de ordens, rituais, palavras ou contagens, a resposta dos Espíritos Superiores é sempre a mesma: qualquer virtude atribuída a tais métodos é superstição, e doutrinas que prescrevem processos mecânicos são inspiradas por Espíritos ignorantes.

No universo apométrico, contudo, a técnica substitui o fenômeno natural. O operador assume o papel de agente ativo, capaz de "abrir" e "fechar" o desdobramento, de "recolher" o espírito do paciente, de projetá-lo a ambientes espirituais específicos ou mesmo de conduzi-lo a situações pretéritas ou futuras. O espírito passa a ser tratado como objeto manipulável, submetido a comandos exteriores. Em Espiritismo, ao contrário, a autonomia do Espírito é inviolável. Kardec estabelece que, entre Espíritos, encarnados ou desencarnados, só existe supremacia pela superioridade moral — jamais pela força. Nenhum Espírito pode ser constrangido por autoridade técnica, e nenhum processo legítimo de assistência espiritual se baseia em qualquer forma de coação.

Outro ponto de ruptura aparece na maneira como a Apometria concebe o perispírito e o mundo espiritual. O sistema presume a existência de múltiplas camadas perispirituais que podem ser separadas umas das outras, operadas individualmente e tratadas como níveis funcionais distintos, cada qual suscetível a manipulação direta pelo operador. Não há, em Kardec, nada que se aproxime dessa visão fragmentada. O perispírito, para a Doutrina Espírita, é uma unidade funcional, elástica, plástica, submetida à vontade do Espírito — e não ao bisturi vibratório de um técnico humano. A fragmentação operacional do ser espiritual é estranha à ontologia espírita.

As divergências tornam-se ainda mais evidentes quando se observa a introdução

de aparelhos, mecanismos, estruturas tecnológicas e “equipamentos astrais” nas práticas apométricas. A presença de dispositivos implantados, máquinas, instrumentos de natureza supostamente eletrônica ou eletromagnética no plano espiritual contrasta radicalmente com a ciência espírita, segundo a qual os fenômenos espíritas são essencialmente fluídicos, derivados da vontade e da moralidade dos Espíritos, e não da mecânica. Kardec jamais descreve engenharias espirituais dotadas de parafusos, emissores, módulos ou ferramentas de intervenção física. Para ele, cura, obsessão, alívio ou perturbação se estabelecem por processos morais, vibratórios, magnéticos, mas nunca por instrumentos.

Mais profunda que qualquer divergência técnica é a ruptura filosófica. O Espiritismo sustenta que toda evolução procede da transformação moral do Espírito, e que nenhum processo externo — seja ritual, aparelho, técnica ou comando — pode substituir o esforço íntimo. A Apometria, ao contrário, atribui ao operador a capacidade de corrigir, reorganizar e redefinir estados espirituais pela técnica, como se o aperfeiçoamento moral fosse suplementar e não estrutural. A ética kardequiana é abolida quando o progresso deixa de ser trabalho interior do Espírito e passa a ser função de um processo técnico aplicado de fora.

Por fim, a Apometria apresenta-se como doutrina nova, com leis próprias, terminologia própria, aparato conceitual independente e objetivos distintos — mas reivindica proximidade com o Espiritismo. A posição de Kardec sobre doutrinas novas, entretanto, é inequívoca: qualquer sistema que introduza princípios que não se harmonizam com a universalidade do ensino dos Espíritos, ou que crie divisões, exclusivismos, grupos fechados, ou identidades paralelas ao Espiritismo, é necessariamente estranho à Doutrina Espírita. E mais: quando uma teoria carece de confirmação universal, ou apresenta elementos contrários às leis morais e fluídicas demonstradas, ela não deve ser incorporada ao corpo doutrinário.

A Apometria, portanto, não é apenas um acréscimo ao Espiritismo; é um corpo estranho. Opera por comandos onde o Espiritismo opera por moral. Usa técnica onde o Espiritismo usa observação. Manipula espíritos onde o Espiritismo coopera com eles. Introduz tecnologia onde o Espiritismo descreve fluido. Oferece leis artificiais onde o Espiritismo reconhece leis naturais e morais.

Não há conciliação possível.
E isso não desmerece a Apometria enquanto construção espiritualista particular;

apenas a coloca no lugar correto: **um sistema independente**, **não espírita**, **não kardequiano**, **não compatível** com a ciência dos Espíritos tal como estabelecida por Kardec.